

37

clube do livro 

• em cada
livro
uma
lição de
vida

clube do livro 

VIAGEM AO FIM DO CORAÇÃO



TÍTULO: *Viagem ao Fim do Coração*

AUTORA: Ana Casaca

© Autora e Guerra e Paz Editores, S. A., 2014

Reservados todos os direitos

*A presente edição não segue a grafia do
novo Acordo Ortográfico.*

REVISÃO: Helder Guégués

DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO: Ilídio J.B. Vasco

FOTOGRAFIA DA CAPA E CONTRACAPA: Corbis/VMI

FOTOGRAFIA DA AUTORA: João Carpinteiro

ISBN: 978-989-702-115-2

DEPÓSITO LEGAL: 378354/14

1.^a EDIÇÃO: Setembro de 2014

Guerra e Paz, Editores, S. A.

R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq.

1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488

Fax: 213 144 489

E-mail: guerraepaz@guerraepaz.net

www.guerraepaz.net

VIAGEM
AO
FIM DO
CORAGÃO

A N A C A S A C A

clube do livro 

Para a Rita e para o Sérgio

1

Luísa e Pedro

Tinha nove anos quando o vi pela primeira vez. Podia dizer que sempre sonhei com um irmão, mas a realidade é que nunca me tinha ocorrido que os meus pais quisessem repetir o mesmo erro.

Ouvia-os muitas vezes gritarem, nas suas infundas discussões nocturnas, que eu tinha sido o maior erro das suas vidas. Que os tinha levado a juntar-se e a abdicarem de tudo aquilo que tinham de bom antes de mim.

Sempre me entendera como sinónimo das coisas más que lhes haviam sucedido.

Por isso, nunca ousei sonhar com uma repetição de mim, pois estava plenamente convencida que eles haviam aprendido com este erro, não o multiplicando.

Mas, como foi evidente, estava errada. O meu pai e a minha mãe, que nunca foram bons na matemática da vida, acharam que reproduzir a mesma receita os salvaria, os redimiria de todos os passos que haviam dado em direcção ao abismo.

Um filho arruinara-os, outro salvá-los-ia.

Até eu, que nada entendia de equações e probabilidades, sabia que não seria aquela a solução. Mas eles entenderam que sim.

Por isso, quando espreitei para dentro do pequeno berço transparente da maternidade e vi pela primeira vez aquele minúsculo

ser enrugado e feio, com os punhos cerrados e olhar sem rumo, a única coisa que lhe pedi em pensamento foi: «Espero que não sejas daqueles que choram. O pai não suporta choro e a mãe fica muito nervosa quando ouve algum barulho mais forte. Eu já aprendi a não chorar há muito tempo, se quiseres, ensino-te.»

Como resposta, aquele olhar perdido e líquido desviou-se na minha direcção, parecendo fitar-me com surpreendente atenção. E foi precisamente desde esse momento que me convenci que podíamos comunicar em silêncio.

O facto de ter visto um programa sobre gémeos, em que aquele casal de loiros e perfeitamente idênticos irmãos sentia as dores, alegrias e perigos um do outro, ajudou a formar as minhas certezas praticamente absolutas. A constatação quase científica que me oferecia tudo o que passava na televisão munuiu-me de uma base irrefutável de convicção, mas aquele olhar desgovernado, que se fixou na minha imagem como se tivesse encontrado um centro e entendido tudo o que lhe dissera em pensamento, fora a confirmação que precisava para jamais pôr em causa o nosso poder telepático.

Passei-lhe um dedo medroso sobre a penugem suave que lhe revestia a pequena cabeça e ele estremeceu. Era poderosa, eu. Poderosa e imensa.

Foi assim que me senti quando o vi pela primeira vez. Antes de a minha autocensura me sussurrar que não era nada disso. Era poderosa. Fiz com que o meu irmão me escutasse sem proferir palavra e fiz com que ele estremecesse apenas com um toque.

– Então, é lindo, não é? – A voz da minha mãe soava estranhamente meiga, enquanto nos fitava. E eu, estranhando aquele tom adocicado, emudeci.

– Estás surda?! A tua mãe falou contigo! – A voz do meu pai continuava igual, arrancando-me do torpor que sentia e cobrindo-me de gelo e de medo.

– Deixa-a. São muitas emoções ao mesmo tempo... Vem cá, querida.

Mas não eram emoções nenhuma. Era apenas eu a não reconhecer o tom da minha mãe. Aproximei-me da cama articulada e, sempre obediente, cheguei-me a ela. E foi então que a minha mãe se despediu, sem que eu sonhasse que era uma despedida.

Pensei que era um olá, um até que enfim, que bom que é verte, mas não. Estava apenas a despedir-se de mim.

– Sabes que gostamos muito de ti, não sabes?

Não, não sabia que eles gostavam de mim, quanto mais muito.

Ela puxou-me para si e envolveu-me num estranho e embaraçoso abraço. Pude cheirá-la pela primeira vez desde há muito tempo e consegui reconhecer o odor da sua pele suada, o calor morno do seu peito, a respiração quente sobre os meus cabelos. Ela parecia apertar-me como que querendo recuperar qualquer coisa que perdera lá atrás, e eu recuperei a calma, fingindo que não era eu quem estava ali, dentro dos braços fortes e frágeis daquela mulher. Fiquei estática, o meu corpo sem saber como reagir, a minha cabeça querendo esvaziar-se e falhando miseravelmente. Dei por mim a fingir que não pertencia a lugar nenhum nem a pessoa alguma. Que era apenas eu a detentora da chave dos meus dias. Encontrava-me completamente só e serena, dentro daquele abraço. Como se nada pudesse tocar-me além do corpo da minha mãe. Foi uma sensação boa e, como todas as boas sensações, durou apenas o tempo necessário para que lhe tocasse ao de leve.

– Já chega disso! O que é que te deu? Não vês que a miúda não gosta das tuas lamechices? – Consegui sentir o hálito a cerveja que chegou até mim vindo do outro lado do quarto. «Cala-te, não me obrigues a sair daqui, cala a boca, seu estúpido, parvalhão. Cala-te, deixa-me ficar, deixa-me ficar!» – O meu pensamento voava, revoltado com a voz daquele homem que estragava sempre tudo,

enquanto me deixava ficar envolvida naquela redoma de paz, como um náufrago desesperado, agarrando-se pela vida a um frágil pedaço de madeira.

– Estás a ouvir? Deixa-a ir, ela tem de voltar para casa, deve estar tudo de pantanas contigo aqui. E não disseste que era preciso ir à farmácia?!

E foi então que o ouvi chorar pela primeira vez. Um choro firme e cristalino, de quem sabe exactamente o que quer, como se gritasse a sua indignação pelas palavras do meu pai. Foi bom, porque fez com que se calasse. Foi mau, pois fez com que a minha mãe me libertasse do seu abraço e, com uma expressão de pânico, se dirigisse ao berço, deixando-me ali, sem saber bem o que sentir ou o que dizer. Deixando-me.

Uma mão projectada contra a minha nuca arrancou-me daquele estado de transe e, enquanto via a minha mãe pegar no bebé ao colo, chegando-o à sua mama agora estranhamente gigantesca, senti-me empurrada para fora do quarto, como uma intrusa.

– Vá, vamos. Estás a olhar para onde? A andar, que a tua mãe precisa de descansar! Há muito que fazer em casa! Levo-te à paragem e depois volto para ao pé deles, entendidos?

Não consegui responder. A sensação de que afinal nada mudara regressou como um murro bem no centro do meu coração e pareceu ter o poder de pará-lo por um instante.

«Está tudo igual, miúdo. Não mudou nada. Não trouxeste o poder mágico de modificar a minha vida, ouviste?!» – gritava-lhe sem voz, estando certa de que me escutaria e me entenderia. Estando certa de que sentiria toda a revolta que me projectava os pés para a frente, numa espécie de marcha de volta ao conhecido.

A mão dura do meu pai no meu ombro, impulsionando-me. O som das suas solas gastas no linóleo. O som irritante das minhas solas de borracha, que chiavam sem piedade. Eram os sons que me

levavam de volta. De volta à única coisa que conhecia. E tive a estúpida certeza de que aquele bebé nada me traria de novo nem de bom. Era apenas mais um naufrago para ocupar o meu pequeno pedaço de madeira. Era apenas mais um naufrago que poria em causa o equilíbrio que conquistara a pulso. A tábua que dificilmente suportava o meu peso teria agora de aguentar com o peso de mais uma pessoa. Como é que seria possível?

Mas não podia ceder a pensamento algum, pois havia que passar na farmácia, regressar a casa, arrumar tudo, preparar o jantar do meu pai, colocar os seus chinelos à porta, ver das coisas do bebé, como me pedira a mãe, acabar os trabalhos de casa de Português, que incluíam ter de escrever uma redacção sobre o que fizera no meu fim-de-semana, logo, inventar uma visita a um museu, ou a um parque e caligrafar a minha vida familiar, enchendo a folha de perfeição ficcionada, em contraposição ao idílio familiar que os meus colegas de turma pareciam sempre possuir nas suas redacções verdadeiras. Havia ainda que tomar banho e esperar que ele regressasse e encontrasse tudo na ordem suposta das coisas. Esperar que nada alterasse o seu humor. E essa espera era a pior altura do dia. A dúvida que antecedia o caos ou a paz.

Ele podia chegar a casa e não encontrar nada que o transtornasse, ou poderia encolerizar-se por descobrir que me esquecera de uma janela entreaberta. Era uma constante incógnita.

Nessa noite, ouvi a chave, escutei o som que ele fazia enquanto descalçava os sapatos, contei até cinco e soube então que enfiava os chinelos nos pés, depois dirigiu-se à cozinha e abriu o frigorífico. Contei até três e veio o som da carga a ser aberta. Contei até dez e ouvi a porta do microondas a ser projectada com brusquidão. Pedi, numa espécie de oração interior, que ele não aquecesse demasiado o esparguete, pois isso desencadeou uma crise nervosa da última vez que acontecera. Uma crise que durara uma hora infinita a dis-

sipar-se. Uma hora em que tive de ouvi-lo gritar e ameaçar e pontapear a maior parte da mobília. Não queria outra hora assim, pelo menos não agora, pois precisava de deitar-me e pensar sobre tudo o que acontecera naquele dia. Precisava, com uma urgência absurda, de organizar-me por dentro, preparando-me para a chegada de mais um habitante àquela casa.

Se o ritmo dos ruídos prosseguisse como planeado, ele estaria a jantar e a terminar a garrafa de cerveja, para depois abrir outra e aterrar no sofá. Aí estaria a salvo. Nunca acontecia nada depois de ele aterrar no sofá a ver televisão.

Mas os seus passos na direcção do meu quarto fizeram com que tudo congelasse dentro de mim. Pensamentos, desejos, emoções. Tudo ficou parado, aguardando apenas. Aguardando a sentença que sabia já de antemão. Aguardando como os que sabem já do seu destino, muito antes de ele se revelar.

A porta do quarto abriu-se num rompante e ele surgiu, com o lábio ainda molhado de cerveja, uma garrafa já meio bebida e o olhar escuro e avermelhado:

– Então, gostaste de ver o teu irmão?

Esperava tudo, menos aquilo.

– Compraste as coisas que a mãe pediu?

– Sim, passei na farmácia e...

– Ainda bem. Quero tudo impecável quando eles chegarem amanhã. Vamos fingir que é uma espécie de recomeço, combinado?

– Recomeço?

– Sim, não és tu que passas a vida agarrada aos livros? Nunca leste lá esta palavra? Re-co-me-ço!!!

Além do escuro e do vermelho, o seu olhar assumia agora a tonalidade da raiva e eu contraí-me, ensaiando a resposta perfeita:

– Sei o que queres dizer, claro que sei. Tudo bem, pai. Amanhã vai estar tudo impecável, prometo.

A mão dele pareceu retirar a pressão sobre a garrafa de cerveja e eu comecei a pensar que o conflito iminente poderia resolver-se assim.

– Já fiz a caminha do bebé...

– Pedro, o nome dele é Pedro!

– Sim, já fiz a caminha do Pedro, preparei as roupas e pus as coisas que trouxe da farmácia em cima da cómoda. Está tudo pronto para o receber – emendei –, para o recomeço.

Ele olhou-me, em busca de algum sinal de ironia que o fizesse avançar, mas nada encontrou. A minha expressão era de pura submissão.

– A ver se parecemos finalmente uma família. Sem merdas.

«Uma família? És mesmo estúpido. Uma família? Como as famílias das redacções dos meus colegas? Aquelas que vão ao parque e a museus e ao cinema e jantam à volta de uma mesa, rindo e conversando ao mesmo tempo? Só mesmo tu para acreditares nisso, seu estúpido.»

– Estás a ouvir?!

– Sim, pai. Eu gostava muito que fôssemos uma família.

– Então faz um esforço e tira-me essa cara de nojo! Amanhã quero tudo a sorrir.

Não esperou a minha resposta e afastou-se, deixando a porta escancarada. Por muito que quisesse o silêncio e a falsa sensação de segurança que a porta fechada parecia trazer, não ousei mexer-lhe. Tirei as meias grossas e enfiei-me dentro dos lençóis gelados, tentando pôr em ordem toda a confusão que sentia. Tentando dar algum sentido aos braços da minha mãe sobre o meu corpo naquela tarde. Tentando prolongar a sensação de conforto que eles me tinham trazido.

E o meu pai? Que história era aquela de querer que fôssemos uma família e de me pedir aquilo como se eu fosse a culpada por não o parecermos?

Depois tinha de pensar no bebé, naquele estranho ser que na manhã do dia seguinte passaria a habitar debaixo do meu tecto. Por favor, que não chorasse, que não perturbasse, que não mexesse com a ordem preestabelecida, era nisso que me concentrava. Era isso que importava agora mais do que tudo o resto. Aquele bebé não podia fazer-se notar e foi o que transmiti em pensamento ao meu pequeno irmão. Ainda que separados por dezenas de quarteirões e de paredes de cimento, eu sabia que não havia betão capaz de travar a transmissão do meu pensamento. Ele seria capaz de escutar-me.

2

Luísa e Pedro

E assim foi, o Pedro e a minha mãe regressaram a casa numa tarde chuvosa e gelada de Janeiro e eu tentei acreditar com todas as forças que era mesmo um recomeço.

O meu pai sorria com o meu irmão nos braços, a minha mãe não gritava, nem se exaltava com tudo e com todos e o meu irmão atendera o meu pedido e não chorara na sua primeira noite. Ouvira-lhe apenas uns pequenos soluços, ténues inícios de choro, mas logo aplacados com o alimento que a minha mãe produzia em quantidades industriais nas suas mamas desproporcionais.

Ajudei a dar-lhe o primeiro banho, sob o olhar ansioso dos meus pais, e senti a sua pele escorregadia e suave debaixo das minhas mãos pouco firmes.

Ia-lhe falando sem voz, pedindo-lhe que não me deixasse ficar mal, que me ajudasse a manter aquele recomeço, aquela fina aparência de felicidade, e ele escutava-me, obediente, parecendo radiante sob as minhas mãos molhadas e inseguras.

Nos primeiros dias, consegui fingir o inevitável e fingir que não ouvia a minha mãe chorar, que não reparava no seu olhar cada vez mais distante e na crescente ausência da sua voz quando o meu pai lhe dirigia a palavra.

Nos primeiros dias foi fácil manter o recomeço, pois o meu pai parecia realmente modificado. Rondava a minha mãe, cheio de

preocupações, falando-lhe com uma suavidade que lhe desconhecía. Acariciando-lhe os cabelos e dizendo-lhe que precisava de reagir, que não era o fim do mundo, que o bebé em breve cresceria e que daria menos trabalho. Não gritava comigo, e eu fazia figas, no escuro do meu quarto, para que tudo desse certo e os meus pais se transformassem, como que por magia, nuns pais iguais aos do António da minha turma, cujas composições relatavam os melhores fins-de-semana, com jardins, cinemas, corridas de bicicleta. Os meus pais transformar-se-iam nos pais do António e levar-me-iam juntos à escola, sempre com um sorriso, perguntar-me-iam pelo meu dia e far-me-iam cócegas só pelo prazer de me arrancarem gargalhadas. Fazia figas para que a minha mãe acreditasse, como eu acreditava, na possibilidade de sermos uma família de verdade, sem merdas, como tinha dito o meu pai.

Ela deixaria de ficar triste, ela tinha de deixar de ficar triste e começaria finalmente a gostar de nós, pois só assim poderíamos ser uma família feliz.

Mas os dias foram passando e a minha mãe foi desaparecendo, até restar muito pouco da mãe forte e nervosa que sempre conhecera.

Já não respondia com gritos quando o meu pai resmungava, apesar de ele resmungar cada vez menos, com medo de a lançar definitivamente para um local de impossível acesso e isso também me assustava. Ver o meu pai medroso deixava-me sem norte, pois não imaginava que ele também podia ser assim, assustadíssimo e submisso, tal como eu era tantas vezes com ele. O meu pai sentia medo, como o comum dos mortais, e a sua fragilidade aterrorizava-me mais ainda do que a sua ferocidade.

E, no meio de tudo isto, das minhas figas e pedidos de magia, do nervoso do meu pai e da minha mãe, o Pedro começou a chorar.

Talvez porque eu tivesse deixado de lhe pedir todas as noites que não o fizesse, preocupada que estava em pedir uma família sem merdas, talvez por pressentir que alguma coisa de muito grave estava prestes a acontecer e a sua falta de experiência nestas coisas lhe toldasse a capacidade de bloquear o medo. Talvez apenas porque todos os bebés acabam por chorar, mais cedo ou mais tarde, por muito que as irmãs lhes enviem mensagens por telepatia.

O Pedro começou a chorar e o choro dele invadiu todos os cantos silenciosos da casa, todos os pensamentos guardados, todas as lágrimas contidas a custo. O choro dele foi uma verdadeira tempestade, daquelas que não dão tréguas de espécie alguma e que atiram com tudo pelo ar. Ele chorava de manhã à noite. As mamas da minha mãe ficaram outra vez mais pequenas, mirraram juntamente com o resto do seu corpo, e ela deixou de poder calar-lhe o choro com aquele leite que, aos meus olhos, parecia ter o poder de silenciar o mais chorão dos bebés, como uma espécie de fonte inesgotável. E isso também a fez chorar. O meu pai voltou a beber cervejas logo pela manhã e isso ainda fez com que chorasse mais, até o choro tomar por completo a nossa casa.

Todos choravam. O meu pai chorava de raiva, enquanto gritava com a minha mãe e pontapeava o berço do Pedro, tentando calá-lo. A minha mãe chorava de tristeza, porque ele gritava com ela e porque não conseguia ser uma boa mãe. O Pedro chorava porque sim, ou para não soar diferente. Só eu é que não chorava, pois sabia que se chorasse, nada mais teria retorno e o nosso recomeço seria apenas o regresso à vida antiga, que eu não queria lembrar, muito menos recomeçar.

Não podia chorar, tinha de ser forte pela minha mãe, pelo meu pai, pelo bebé. Dependia de mim o equilíbrio caseiro, dependia de mim a felicidade da minha família, por isso lutei por aquele recomeço prometido da melhor forma que sabia, desaparecendo e

fazendo com que tudo à nossa volta se revestisse do menor esforço possível para todos. Era a única coisa que sabia fazer e fi-lo exemplarmente. Nada ficava fora do sítio, nenhum pedido por atender. Fazia os trabalhos da escola já a noite ia avançada, para não atrapalhar as minhas tarefas domésticas, e regressava o mais cedo que conseguia, correndo do autocarro para casa, com a pressa dos que gostam de regressar a casa, mas não era por isso. Era porque não queria que tudo aquilo terminasse.

Mas tudo o que fiz não bastou para que a minha mãe voltasse a segurar-me nos seus braços, ou deixasse de se sentir miserável na sua condição materna. Não bastou para que todos deixassem de chorar. Muito pelo contrário, de cada vez que ela me via a apanhar a roupa suja do chão, ou a ajudá-la a entrar na banheira, a fim de tirar o mau cheiro entranhado no corpo depressivo, chorava ainda mais. Olhava-me e começava a chorar, como se o facto de me ver desempenhar aquelas tarefas fosse a prova viva do seu irremediável falhanço como mãe.

O meu pai gritava-me porque eu a fazia chorar e o Pedro chorava mais uma vez. Um choro aflitivo, suplicante, que todos tentávamos estoicamente ignorar.

Até que uma tarde ela se foi embora. Sem despedidas nem justificações. Fez uma mala, a mesma mala velha e com cheiro a mofo que levava para a maternidade, e dentro dela pôs um par de cuecas, dois pares de *collants*, umas calças de ganga e um CD de Jonni Mitchell. Depois obrigou-me a despir a camisola que trazia vestida, uma camisola gasta que ela própria tricotara, inalou o que quer que fosse que havia para cheirar naquele pedaço velho de tecido e guardou-a na mala, reservando-lhe um canto desimpedido. Depois despiu o *babygrow* do bebé, cheirou-o e colocou-o sobre a minha camisola. Um recheio sem nexo de espécie alguma, que me assustou além do possível. Fechou a mala, olhou-nos, com o olhar mais

vazio e mais cheio do mundo e, sem proferir palavra, bateu com a porta, deixando-me sozinha com o bebé, pois o meu pai tinha arranjado um trabalho temporário e chegava quase sempre de noite.

A minha mãe deixou-nos, sem se despedir e sem dizer porque é que ia.

A minha mãe deixou-nos, porque estava farta. Farta de nós, farta de mim.

A minha mãe deixou-nos, porque nós não fizemos com que ela quisesse ficar.

A minha mãe deixou-nos, e essa era a única frase que arranjava espaço para ser dita dentro de mim. Martelou durante muitos anos na minha cabeça, até não conseguir dizê-la mais, até a ter gasto e transformado num farrapo verbal, sem cor, sem nitidez, morta.

Olhei para o meu irmão, cujo olhar se fixara de novo na minha frágil sombra, e disse-lhe, sem palavras, apenas com o poder da minha mente:

«A culpa é toda nossa, bebé.»

E o Pedro chorou. Chorou com toda a energia que ainda possuía, chorou por mim, por ele e pelo final da nossa família sem merdas, que existiu pelo período exacto de trinta dias. Chorou pelo fim do recomeço que não chegou realmente a começar. Era sempre assim com as coisas boas, eu já devia saber. Demoravam-se apenas o suficiente para lhes sentir o sabor, às vezes apenas o cheiro, e para me imprimirem saudades. Tinha sido assim com aquele abraço da minha mãe, estava a ser assim com o nosso recomeço falhado. Seria sempre assim, sempre. Por isso havia que fechar-me às coisas boas, não deixá-las entrar, para não ter de sentir-me triste depois.

As coisas boas nunca o eram para sempre e isso eu já sabia há muito, muito tempo.

A minha mãe deixara-nos e a culpa era toda nossa e, a partir desse dia, nunca mais deixaria enganar-me. As coisas boas só aconteciam para sempre aos outros.